

ANC P 11

Transição, JORNAL DO BRASIL nunca mais

- 8 OUT 1980 Nirlando Beirão

A julgar pela importância destinada pelas câmeras de tevê às presenças fardadas na festa de promulgação da nova Constituição, há nuvens que ainda podem empanar, ou, vá lá, estrelas querendo competir em brilho com a nossa tremelicante democracia. Mas uma vitória o Brasil tem o direito de, desde já, comemorar. Uma vitória sutil, ligeiramente abstrata, mas carregada de significações. A democracia modelo 88 talvez não restaure, de imediato, a integridade das liberdades civis e políticas, mas libera a linguagem política de uma miserável prisão: a cadeia do eufemismo. Por 21 anos, o Brasil viveu sob uma ditadura militar, a quem, porém, até os adversários cautelosamente denominavam autoritarismo. O golpe de 1964 se anunciou como revolução e o general de fardas que assumiu o controle, ao envergar trajes paisanos, buscou a legitimação dupla dos políticos e da palavra: foi eleito pelo Congresso e investiu-se do título convencional de presidente da República. Apenas por um período limitado, ditadura e ditadores aceitaram se comportar como tais no Brasil, sem os disfarçamentos legais ou semânticos, o que naturalmente resultava, de acordo com as normas decretadas pela ditadura e pelos ditadores, em que jamais se pronunciasse publicamente, a respeito deles, os nomes ditadura e ditadores. Mergulhou-se, de 1974 para cá, no *chiaroscuro* de uma penosa ambigüidade institucional a que se foi chamado, sucessivamente, distensão, abertura e transição, ao sabor de cada governante militar — ou até mesmo civil, tutelado pelo militares — que, sempre, ao tomar posse, prometia com a convicção dos peitos estofados, que ao final de sua gestão, a dita distensão, abertura, transição, ou que diabo fossé, estaria concluída, e a democracia, enfim, floresceria em sua plenitude.

Não se trata de acusar nós ditadores de comportamento proposital, ou de manipulação linguística, pois, eventualmente, às suas propaladas intenções de dar significado às palavras correspondia sim o movimento paralelo de clarificar o sentido da caminhada política. Obstáculos bem mais consistentes do que as armadilhas do vernáculo impediram, eventualmente, que o verbo se fizesse realidade. Assim, no pântano brumoso em que se arrastou lenta, gradual e irreversivelmente a ditadura envergonhada, ou a democracia que queria ser, mas não era, viscejou a meia-verdade, a que a nação, em silêncio, não sabia como tratar: se ao pé da letra ou se como mentira deslavada.

A novilingua da ditadura dizia coisas querendo dizer outras, e por uma década e meia a nação se viu na posição de quem é conduzido matreiramente à loucura, na experiência estonteante de ouvir dos governantes o que eles omitem, acreditar no que ouviu e ser posteriormente informada de que, na verdade, não ouviu o que lhe prometeram. Quinze anos — não há sanidade que resista a tanto. A Nova República desabrochou com ares de restauradora da verdade, quando ela também só se dispunha a tráfegar pelos desvãos opacos do eufemismo. Sai abertura, entra transição — o vacilo político reflete-se no vernáculo. O vice, transitório dentro da transição, não ousa temer a palavra. Seu percurso ao longo dos meses, será o de silêncio sinuoso interrompido pelo estardalhaço trepidante de algumas intervenções verborrágicas na tevê. Nas ruas, o povo lhe responde com o som dos berros irados. O transitório, já permanente, se recolhe num engasgo reprimido. O governo se transforma em sussurro palaciano, em que só a curriola é convidada a partilhar os murmúrios de auto-aprovação. No círculo interno, quem grita se faz de poderoso. A autoridade que alguns ministros passam a proclamar é a trombeta do apocalipse. Mas ninguém os ouve mais, pois há um som mais harmônico no horizonte.

A Constituinte, que muito falou, decreta, com o alardeado produto de seus destempérios verbais, o fim do império da falsidade semântica. Está cassada a lorota democracia e um vocabulário pleno dispensa adjetivos predicativos e se instaura na plenitude de uma bem-vinda auto-referência: democracia ou é, ou não é. A nova Carta, escrita em palavras, bane para longe a mais maldita das palavras em circulação, aquela que, por anos a fio, enganou o país, na sua conotação ambígua. E trapaceira. Chega de transição.

Nirlando Beirão é radator-chefe da revista Isto é/ Senhor